

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Imparcial

Class.: 367

Data: 29/11/92

Pg.: _____

Áreas indígenas são devastadas por madeireiros

Moisés Matias

para a Editoria de Cidade

A devastação da Pré-Amazônia maranhense avança de forma voraz e descontrolada em área indígena, última reserva de floresta virgem do Maranhão. Os próprios índios vendem o metro cúbico de madeiras raras como cedro e ipê por valor oscilante entre Cr\$ 30 a 80 mil, quando o produto termina sendo comercializado em Goiânia por Cr\$ 4 milhões, ou a peso de dólar no mercado de exportação. O quadro poderia até ser considerado normal, "preço do progresso", se não houvesse a marca da ilegalidade em todos os níveis e a ausência total dos órgãos encarregados pelas questões indígena e ambiental.

A extração de madeira da reserva indígena Araribóia, dos Guajajaras, levou Amarantes do Maranhão, situado no Alto Mearim, sul do Estado, a viver dias de glória. Em pouco mais de 2 anos, dezenas de madeireiras e centenas de caminhões acamparam praticamente no centro urbano com seus fornos de carvão vegetal e fogueiras de serragens. Por conta da "febre da madeira" a arrecadação do município subiu de 31 milhões em janeiro/92 para próximo dos 500 milhões em novembro.

Os madeireiros chegaram, instalaram seus barracões e atualmente desfilam com caminhões, tratores e automóveis novos, montanhas de madeira em estoque e casas luxuosas. Em contrapartida a pequena cidade tornou-se uma fofa coberta de fumaça e poeira, a cada dia aumenta o número de pessoas, principalmente crianças, com problemas pulmonares, tuberculose, hanseníase e alergias diversas; o mesmo ocorreu no tocante ao custo de vida elevado, à proliferação da criminalidade e da prostituição.

Para o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Amarantes e vereador em final de mandato pelo PT, José Gusmão Pereira, a atividade madeireira da forma como está sendo feita, violenta todo o capítulo do meio ambiente da Lei Orgânica Municipal.

Segundo relatório encomendado pelo sindicato a um médico, o índice de doenças causadas pela poluição madeireira é preocupante. Fez com que surgisse, por sua vez, o Movimento Popular de Saúde (MOP) aglutinando sindicato, CUT e igreja. Maria de Jesus dos Reis Moraes, coordenadora do movimento, conta que um documento denunciando a gravidade da situação municipal foi enviado aos principais órgãos estaduais cobrando providências urgentes, mas recebeu o silêncio como resposta. "Aqui era uma cidade calma. Não havia a violência, a prostituição, o tráfico de drogas e a miséria de hoje. O mais grave é que em 2 anos acaba a madeira, as madeireiras irão embora, e não se sabe como irão sobreviver os índios. Mas a cidade ficará na mais completa miséria", afirma.

No posto médico da Fundação Nacional de Saúde em Amarantes, somente em uma tarde compareceram duas crianças com infecções respiratórias, conforme informações da atendente de enfermagem Graça Lima Madeira. As duas crianças residem no bairro da Fumaça, um aglomerado de palafitas construídas nas proximidades do local onde se instalaram as madeireiras, Cleonice Silva Araújo, 24 anos, 2 filhos pequenos, mora a menos de 100 metros de uma grande serraria. Quando venta, a fumaça cobre o barraco. "As crianças vivem gripadas e com tosses secas. O médico disse que é doença de pulmão", testemunha a doméstica.